

## VI

### O QUE AMAR QUER DIZER

*“Neste mundo, é preciso ser um pouco  
bom demais para sê-lo bastante.”*

MARIVAUX,  
*O jogo do amor e do acaso.*

# 1

Assim que as mães desesperadas desligam seus telefones, eu ligo o meu para tentar encaixar sua prole. Faço a turnê dos colegas: amigos de velha data, especialistas em casos considerados desesperados, e eu, do meu lado, fazendo o papel da mãe chorosa. Do outro lado do fio, eles se divertem:

– Ah! Então, em geral, é nessa temporada que você se manifesta!

– Quantas faltas durante o ano você está me dizendo? Trinta e sete! Ele faltou trinta e sete vezes e você queria que ele fosse recebido aqui? Você entrega com as algemas?

Didier, Philippe, Stella, Fanchon, Pierre, Françoise, Isabelle, Ali e os outros... É que eles salvaram mais de um, quantos eles sejam! Nicole H., só ela, com seu liceu aberto para todos os braços quebrados de passagem...

Aconteceu-me até pedir no meio do ano.

– Vá, Philippe...

– Expulso por que razão? Briga! No interior e no exterior da escola? E até com os seguranças do centro comercial? E não é a primeira vez? Bonito presente de Natal, ora essa! Mande, pode mandar, vou ver o que se pode fazer.

Ou este diálogo com a professora G., diretora de colégio. Eu a encontro a tomar conta de um dever passado. Duas turmas se debruçam em suas mesas, sob seus olhos. Concentração. Esferográficas mastigadas ou que correm depressa entre o polegar e o indicador (como é que eles conseguem? eu nunca pude), folhas de rascunho verdes para uns, amarelas para outros... A calma do estudo. Poderia ouvir-se o voo de uma dúvida. Sempre gostei do silêncio da sesta e da calma do estudo. Na minha infância, eu costumava associá-los. Eu tinha o gosto do descanso não merecido. Sei tudo da arte de fingir escrever,

preparando um exercício em branco. Mas é difícil fazer essa brincadeira sob a vigilância da professora G.

Ela me viu entrar com o canto do olho. Nem se mexe. Ela sabe que eu nunca a incomodo a troco de nada e que, se me dou o direito, é raramente para anunciar uma boa notícia. Caminho sem barulho até a sua mesa e murmuro meus argumentos de venda:

– Quinze anos e oito meses, repete a nona série, perdeu o hábito de estudar há uns dez anos, expulso por inúmeros motivos, apanhado no metrô no mês passado por pequeno tráfico de haxixe, mãe em fuga, pai irresponsável, você o recebe?

– ...

A professora G. continua sem me olhar, olha suas ovelhas, contenta-se em fazer que sim com a cabeça, mas:

– Com uma condição – murmura sem mover os lábios.

– Qual?

– Que você não me peça que lhe agradeça.

Ó minha tão britânica professora G., esse consentimento silencioso é uma das minhas melhores lembranças de professor! É em Marivaux, Marivaux, está me ouvindo? E não em nenhum dos seus livros piedosos, mas em Marivaux!, que encontrei a frase que deveria secretamente servir-lhe de divisa: “Neste mundo, é preciso ser um pouco bom demais para sê-lo bastante.”

Se acrescento que você levou esse menino até o *bac*, eu terei dito um pouco sobre os efeitos dessa bondade.

Basta um professor – um só! – para nos salvar de nós mesmos e nos fazer esquecer dos outros.

Essa é, pelo menos, a lembrança que guardo do professor Bal.

Era nosso professor de matemática na segunda série do colegial. Do ponto de vista do gestual, o contrário de Keating; um professor minimamente cinematográfico: oval, eu diria, uma voz aguda e nada de particular que impressionasse o olhar. Ele nos esperava sentado junto à sua mesa, nos cumprimentava amavelmente, e logo nas primeiras palavras entrávamos na matemática. De que era feita essa hora que nos prendia tanto? Essencialmente da matéria que o professor Bal nos ensinava e da qual ele parecia habitado, o que fazia dele um ser curiosamente vivo, calmo e bom. Estranha bondade, nascida do conhecimento em si, desejo de partilhar conosco a “matéria” que alegrava seu espírito e que ele não podia conceber que nos fosse repulsiva, ou simplesmente estranha. Bal era formado de sua matéria e de seus alunos. Tinha algo do feliz da creche matemática, uma assombrosa inocência. A ideia de que ele pudesse ser zoadado não devia nunca ter passado e a vontade de zombar dele não nos teria nunca vindo, tão convincente era a sua felicidade em ensinar.

E, no entanto, não éramos um público dócil. Meio saídos todos do lixão de Djibuti, nem um pouco agradáveis. Guardo algumas lembranças de brigas noturnas, na cidade, e acertos de contas internos que não deviam nada à ternura. Mas, desde que entrávamos na sala de aula do professor Bal, ficávamos como que santificados pela nossa imersão na matemática, e, passada a hora, cada um de nós se refazia como *mathematikos!*

No dia de nosso primeiro encontro, assim que os mais fracos de nós começaram a contar vantagem sobre os seus zeros, ele respondeu

sorrindo que não acreditava nos *conjuntos vazios*. Então, fez perguntas muito simples e considerou nossas respostas elementares como pepitas preciosas, o que nos divertiu muito. Depois, escreveu o número 12 no quadro, perguntando-nos o que estava escrevendo.

Os mais espertos tentaram uma saída:

– Os doze dedos da mão!

– Os doze mandamentos!

Mas a inocência no sorriso dele desencorajava mesmo:

– É a nota mínima que vocês vão ter no *bac*.

Acrescentou:

– Se vocês pararem de ter medo.

E mais:

– Aliás, não vou voltar ao assunto. Não é do *baccalauréat* que nos vamos ocupar aqui, é da matemática.

De fato, não nos falou mais uma só vez do *bac*. Metro após metro, ele passou esse ano a nos levantar do abismo de nossa ignorância, divertindo-se em fazê-lo passar pelo poço mesmo da ciência; ele se maravilhava sempre com aquilo que sabíamos, apesar de tudo.

– Vocês acreditam que não sabem nada, mas se enganam, se enganam enormemente! Olha, Pennacchioni, você sabia que sabia isto?

Fica bem entendido que essa maiêutica não foi suficiente para fazer de nós os gênios da matemática, mas do fundo que era o nosso poço o professor Bal nos elevou a todos ao nível da borda: a média no *baccalauréat*.

E sem a menor alusão, nunca, ao futuro calamitoso que, segundo tantos outros professores e havia tanto tempo, nos esperava.

Seria ele mesmo um grande matemático? E, no ano seguinte, a professora Gi, uma gigantesca historiadora? E, na minha segunda série terminal o professor S., um filósofo fora da norma? Suponho que sim, mas para dizer a verdade ignoro-o; sei apenas que esses três aí eram habitados pela paixão comunicativa de suas matérias. Armados dessa paixão, eles foram me buscar no fundo do meu desencorajamento e só me largaram uma vez que eu tive meus dois pés bem plantados nos seus cursos, o que se revelou a antecâmara de minha vida. Não é que não se interessassem pelos outros, não, eles consideravam igualmente os seus bons e os seus maus alunos, e sabiam reanimar nestes segundos o desejo de compreender. Eles acompanhavam nossos esforços passo a passo, ficavam contentes com nossos progressos, não se impacientavam com nossas lentidões, não consideravam nunca nossos fracassos como uma injúria pessoal e se mostravam conosco de uma exigência tanto mais rigorosa quanto ela era fundada na qualidade, constância e generosidade de seu próprio trabalho. No mais, não se podem imaginar professores mais diferentes: o professor Bal, tão calmo e sorridente, um Buda matemático; a professora Gi, ao contrário, um tronco de ar, como se diz na minha vila, um tornado que nos arrancava da nossa ganga de preguiça para nos carregar consigo pelos cursos tumultuosos da história, enquanto o professor S., filósofo cético e de ponta (nariz pontudo, chapéu pontudo, ventre pontudo), imóvel e perspicaz, me deixava, ao cair da noite, com questões fervilhantes, que me queimavam para encontrar as respostas. Eu lhe entregava dissertações pletóricas, que ele qualificava de exaustivas, sugerindo com isso que o seu conforto de corretor preferiria deveres mais concisos.

Pensando bem, esses três professores só tinham um ponto em comum: eles nunca renunciavam. Eles não se deixavam levar pelas nossas confissões de ignorância. (Quantas dissertações a professora Gi me fez refazer, por causa de ortografia falha? Quantas aulas suplementares o professor Bal me deu porque me encontrava com um ar de desocupado, no corredor, ou sonhador, na sala de estudo? “E se nós fizéssemos uns quinze minutinhos de matemática, Pennacchioni, já que estamos aqui? Vamos lá, só uns quinze minutinhos...”)

A imagem do gesto que salva do afogamento, o punho que empurra você para cima, apesar das suas gesticulações de suicida, essa imagem bruta de vida da mão agarrando solidamente a gola de um casaco é a primeira que me vem quando penso neles. Na sua presença – em suas matérias – eu nascia para mim mesmo: um eu matemático, se posso dizer, um eu historiador, um eu filósofo, um eu que, no espaço de uma hora, *me* esquecia um pouco, *me* colocava entre parênteses, *me* desembaraçava do eu que, até o encontro desses mestres, me tinha impedido de me sentir verdadeiramente lá.

Outra coisa: parece-me que eles tinham um estilo. Eram artistas na transmissão de suas matérias. Suas aulas eram atos de comunicação, certamente, mas de um saber a tal ponto conhecido, que passava quase por uma criação espontânea. Sua facilidade fazia de cada hora um acontecimento de que nos podíamos lembrar como tal. É de crer que a professora Gi ressuscitava a história, que o professor Bal redescobria as matemáticas, que Sócrates se exprimia pela boca do professor S.! Eles nos davam aulas tão memoráveis quanto o teorema, o tratado de paz ou a ideia fundamental que constituíam, naquele dia, o assunto.

A influência deles sobre nós parava ali. Pelo menos a sua influência aparente. Fora das matérias que encarnavam, eles não nos procuravam impressionar. Não eram daqueles professores que se glorificam pela ascendência sobre um grupo de adolescentes com carência de imagem paterna. Teriam eles consciência de ser mestres libertadores? Quanto a nós, éramos seus alunos de matemática, de história ou de filosofia, e só. É verdade que nós tirávamos disso um orgulho um pouco esnobe, como os membros de um clube muito fechado, mas

eles teriam sido os primeiros a ficar surpresos de saber que, 45 anos depois, um de seus alunos, que graças a eles veio a ser professor, faria o papel de discípulo, a ponto de lhes erigir uma estátua! Tanto mais que, como a minha violoncelista de Blanc-Mesnil, uma vez de volta a suas casas, fora a correção de nossos exercícios ou a preparação das aulas, eles nem deviam pensar em nós. Eles tinham certamente outros centros de interesse, uma curiosidade aberta, que deviam alimentar sua força, o que explicava, entre outras coisas, a densidade de sua presença em classe. (A professora Gi, sobretudo, me parecia ter um apetite de devorar o mundo e suas bibliotecas.) Não era só o seu saber que esses professores partilhavam conosco, era o próprio desejo do saber! E foi o gosto da transmissão que eles me comunicaram. De repente, nós íamos às suas aulas com fome. Eu não diria que nos sentíssemos amados por eles, mas sim considerados (respeitados, diria a juventude de hoje), consideração que se manifestava até na correção de nossos exercícios, em que as anotações deles se endereçavam a cada um de nós em particular. O modelo do gênero eram as correções do professor Beaum, nosso professor de história no preparatório. Ele exigia que deixássemos em branco a última página de nossas dissertações para que ele pudesse escrever à máquina – em vermelho, espaço um – a correção detalhada de cada dever!

Esses professores, encontrados nos últimos anos da minha escolaridade, me mudaram muito com relação a todos aqueles que reduziam seus alunos a certa massa comum e sem consistência, “esta turma”, da qual eles só falavam no superlativo de inferioridade. Aos olhos destes, nós éramos sempre a pior oitava, nona do fundamental, primeira, segunda ou terceira do médio, que eles nunca tinham tido uma classe menos... se... Poderia dizer-se que eles, de ano em ano, se endereçavam a um público cada vez menos digno dos seus ensinamentos. Eles se queixavam à direção, aos conselhos de classe, às reuniões de pais. As queixas deles acordavam em nós uma ferocidade particular, algo como a raiva que levaria o naufrago a arrastar no seu afogamento o comandante incompetente que deixou o navio bater contra os recifes. (É, enfim, uma imagem... Digamos que eles eram, sobretudo, os nossos culpados ideais, como nós éramos os deles;

a depressão rotineira deles engendrava em nós uma maldade de conforto.)

O mais terrível deles foi o professor Blamard (Blamard é um pseudônimo), triste carrasco dos meus nove anos, que fez chover tantos maus pontos sobre a minha cabeça que ainda hoje, espremido numa fila de administração, me acontece considerar meu tíquete de espera como um veredicto de Blamard: “Nº 175, Pennacchioni, sempre tão longe das felicitações!”

Ou aquele professor de ciências naturais, em série terminal, a quem devo minha expulsão do liceu. Reclamando de que a média geral “dessa turma” não excedia os 3,5/20, ele tinha cometido a imprudência de nos perguntar a razão. Cabeça alta, queixo empinado, expressão crispada:

– Então, alguém pode explicar essa... proeza?

Levantei o dedo bem-educado e sugeri duas explicações: ou nossa turma constituía uma monstruosidade estatística (32 alunos que não podiam ultrapassar uma média de 3,5 em ciências naturais), ou este resultado famélico sancionava a qualidade do ensino dispensado.

Contente comigo, suponho.

E posto na rua.

– Heroico, mas inútil – observou-me um colega. – Você sabe a diferença entre um professor e uma ferramenta? Não? O mau professor não pode ser consertado.

Expulso, então.

Fúria de meu pai, é claro.

Lembranças sujas, aqueles anos de rancor ordinário!

No lugar de colher e publicar as pérolas dos lerdos, que levam tanto riso às salas dos professores, devia-se escrever uma antologia de bons mestres. A literatura dispõe de muitos desses testemunhos: Voltaire homenageando os jesuítas Tournemine e Porée, Rimbaud submetendo seus poemas ao professor Izambard, Camus escrevendo cartas filiais ao sr. Martin, seu querido professor primário, Julien Green evocando, em afetuosa lembrança, a imagem forte em cores do seu professor de história Lesellier, Simone Weil cantando louvores a seu mestre Alain, o qual não esquecerá nunca Jules Lagneau, que o abriu para a filosofia, J.-B. Pontalis celebrando Sartre, que “pairava” tão acima de todos os seus outros professores...

Se, além dos mestres célebres, esta antologia propusesse o retrato do inesquecível professor que quase todos nós encontramos pelo menos uma vez em nossa escolaridade, talvez assim encontrássemos uma luz sobre as qualidades necessárias à prática deste estranho ofício.

Tão longe quanto me lembro, quando os jovens professores são desencorajados por uma classe, eles se lamentam de não ter sido formados para aquilo. O “aquilo” de hoje, perfeitamente real, cobre áreas muito variadas, tais como a má educação das crianças pela família em falência, os estragos culturais ligados ao desemprego e à exclusão, a perda de valores cívicos que se segue, a violência em certos estabelecimentos, as disparidades linguísticas, o retorno do religioso, mas também a televisão, os jogos eletrônicos, enfim tudo isso que alimenta mais ou menos o diagnóstico social que nos é servido, todas as manhãs, pelos primeiros noticiários.

Do “nós não fomos formados para isso” ao “não estamos lá para” é só um passo, que pode ser resumido assim: “Nós, os professores, não estamos lá para resolver, no interior da escola, os problemas da sociedade que ofuscam a transmissão do saber; este não é o nosso trabalho. Que nos forneçam um número suficiente de inspetores, assistentes sociais, psicólogos, enfim, de especialistas de todos os gêneros, e nós poderemos ensinar seriamente as matérias que passamos tantos anos a estudar.” Reivindicações das mais justificadas, às quais os sucessivos ministérios opõem os limites do orçamento.

Assim, entramos numa nova fase da formação dos professores, que será cada vez mais orientada para o domínio da comunicação com os alunos. Essa ajuda é indispensável, mas, se os jovens professores esperam um discurso normativo que lhes permita resolver todos os problemas que surgem numa classe, eles estarão caminhando para novas decepções; o “aquilo” para o qual não foram formados vai resistir a eles. Dizendo tudo, temo que “aquilo” não se deixe nunca cercar, que “aquilo” seja, em sua natureza, o somatório dos elementos que o constituem objetivamente.

A ideia de que se possa ensinar sem dificuldade está ligada a uma representação etérea do aluno. A sabedoria pedagógica deveria representar o lerdo como o aluno mais normal possível: aquele que justifica plenamente a função do professor, porque nós temos de lhes ensinar *tudo*, a começar pela necessidade mesma de aprender! Ora, isso não é pouco. Desde a noite dos tempos escolares, o aluno considerado normal é o aluno que opõe a menor resistência ao ensino, o que não duvidaria do nosso saber e não poria à prova a nossa competência, um aluno já conquistado, dotado de uma compreensão imediata, que nos pouparia a pesquisa de vias de acesso à sua compreensão, um aluno naturalmente habitado pela necessidade de aprender, que cessaria de ser um garoto turbulento ou um adolescente problemático durante nossa hora de aula, um aluno convencido desde o berço de que é preciso conter seus apetites e suas emoções pelo exercício da razão se não quer viver numa floresta de predadores, um aluno seguro de que a vida intelectual é uma fonte de prazeres que se pode variar ao infinito, refinar ao extremo, quando a maior parte de nossos outros prazeres são destinados à monotonia da repetição ou à usura do corpo, enfim, um aluno que teria compreendido que o saber é a única solução: solução para a escravidão em que nos manteria a ignorância e consolação única para a nossa ontológica solidão.

É a imagem desse aluno ideal que se desenha no éter, quando ouço esta frase: “Devo tudo à escola da República!” Não ponho em dúvida a gratidão daquele que a pronuncia. “Meu pai era operário e devo tudo à escola da República!” Também não minimizo os méritos da escola. “Sou filho de imigrado e devo tudo à escola da República!”

Mas é mais forte que eu. Assim que ouço essa manifestação pública de gratidão, vejo passar um filme – longa-metragem – feito para glorificar a escola, é certo, mas também e sobretudo essa criança que teria compreendido, desde a sua primeira hora no maternal, que a escola da República estava pronta para garantir o seu futuro por menos que ele fosse o aluno que ela esperava dele. E vergonha para aqueles que não correspondessem a essa expectativa! Então, uma vizinha se põe a comentar o filme na minha cabeça:

– É verdade, cara, você deve muito à escola da República, enormemente mesmo, mas não tudo, não tudo, você se engana nesse ponto. Talvez você fosse uma criança mais dotada do que a média, por exemplo. Ou um jovem imigrado educado por pais afetuosos, persistentes e perspicazes, como os pais de minha amiga Kahina, que queriam suas três filhas independentes e diplomadas para que nenhum homem as tratasse um dia como eram tratadas as mulheres de sua geração. Você poderia, ao contrário, ser como meu velho Pierre, produto de uma tragédia familiar, e ter encontrado sua única salvação no estudo, mergulhando nele profundamente durante o tempo de aula, para esquecer o que o estava esperando quando voltasse para casa. Ou ainda ter sido, como Minne, uma criança prisioneira de sua asma, e que teve sede de aprender tudo para logo sair de sua cama de doente: “Aprender para respirar, diz-me ela, respirar, abrir sempre mais janelas, ar, ar, eu lhe juro, o trabalho escolar era a única maneira de voar para longe da minha asma, e eu pouco queria saber da qualidade dos professores, sair da minha cama, ir à escola, contar, multiplicar, aprender a regra de três, tricotar as leis de Mendel, saber todos os dias um pouco mais, era tudo o que eu queria, respirar, ar! ar!” A menos que você fosse dotado da megalomania galho-feira de Jérôme: “Desde que aprendi a ler e a contar, fiquei sabendo que o mundo era meu! Aos dez anos, passava os fins de semana no hotel-restaurante de minha avó e, sob o pretexto de dar uma ajuda na sala, eu provocava os clientes fazendo todo tipo de perguntas de algibeira: Com que idade morreu Luís XIV? O que é um adjunto adnominal? 123 multiplicado por 72? A resposta que eu preferia era: Eu não sei nada, mas você vai me dizer. Era engraçado saber

mais, aos dez anos, do que o farmacêutico ou o padre dali! Eles me passavam a mão no rosto com vontade de me arrancar a cabeça, e isso me fazia rir demais.”

Ótimos alunos, Kahina, Minne, Pierre, Jérôme e você, e minha amiga Françoise, que aprendeu tudo brincando, desde a mais tenra infância, sem a menor inibição – ah! sua espantosa faculdade de se divertir seriamente! –, até passar a agregação de letras clássicas como se fosse um jogo dos mil euros. Filhos ou filhas de imigrantes, de operários, de empregados, de técnicos, de professores primários ou de grandes burgueses, muito diferentes uns dos outros, esses amigos, mas ótimos alunos todos. É o mínimo que a escola da República pode proporcionar a eles e a você! E que ela ajude você a vir a ser aquele que você é! Nada seria pior do que ela perder você! Você não acha que a escola da República já deixa tantos na beira do caminho?

Homenageando a escola com exagero, é a você mesmo que você está elogiando na moita, e ainda fica posando de aluno ideal. Fazendo assim, você mascara os inúmeros parâmetros que nos fazem tão desiguais na aquisição do saber: circunstâncias, meio social, patologias, temperamento... Ah! o enigma do temperamento!

“Devo tudo à escola da República!”

Será que você queria fazer passar as suas aptidões por virtudes? (Aliás, umas e outras não são incompatíveis...) Reduzir o seu sucesso a uma questão de vontade, tenacidade, sacrifício, é isso o que você quer? É verdade que você foi um aluno aplicado e perseverante, e que o mérito é seu, mas tal também se deveu a você ter desfrutado muito cedo da sua aptidão para compreender, posta à prova logo nas suas primeiras confrontações com o trabalho escolar, à alegria imensa de ter compreendido e ao fato de que o esforço carregava em si mesmo a promessa dessa alegria! Na hora em que eu me sentava na minha mesa esmagado pela convicção da minha burrice, você se instalava na sua vibrando de impaciência, impaciência por passar para outra coisa também, porque esse problema de matemática sobre o qual eu dormia em cima, você o despachava, você, numa virada. Nossos deveres, que eram os trampolins do seu espírito, eram

as areias movediças onde escorregava o meu. Eles deixavam você livre como o ar, com a satisfação do dever cumprido, e eu embotado de ignorância, maquiando um vago rascunho como redação definitiva, com grande reforço de frases sublinhadas que não enganavam ninguém. Na chegada, você era o estudioso, eu era o preguiçoso. Era isso, então, a preguiça? Esse escorregar em si mesmo? E o trabalho o que era, então? Como é que faziam aqueles que trabalhavam bem? Onde encontravam aquela força toda? Esse foi o enigma de minha infância. O esforço, no qual eu me aniquilava, foi para você desde o começo do jogo uma garantia de expansão. Você e eu ignorávamos que “é preciso dar certo para compreender”, segundo as palavras tão claras de Piaget, e que você e eu éramos a ilustração viva desse axioma.

Essa paixão de compreender, você a manteve com determinação durante toda a sua vida, e fez muito bem. Ela brilha ainda hoje nos seus olhos! Aquele que criticasse você seria um invejoso imbecil... Mas, por favor, pare de fazer passar suas aptidões por virtudes, isso embaralha as cartas, isso complica a questão já bastante complexa da instrução (e é um defeito de caráter bastante propagado).

Sabe o que você era, na verdade?

Você era um aluno papa-fina.

Era assim que, já professor, eu chamava (*in petto*) meus alunos excelentes, aquelas pérolas raras, quando encontrava um na minha classe. Eu gostava muito de meus alunos papa-finas! Eles me descansavam dos outros. E me estimulavam. Aquele que pega no ar mais depressa, responde mais certo, e com humor, muitas vezes, aquele olho que brilha e aquela discrição na facilidade que é a graça suprema da inteligência... A pequena Noémie, por exemplo (perdão, a grande Noémie, ela agora está na segunda série colegial!), a quem seu professor de francês agradecia, no ano passado, em seu boletim escolar: “Obrigado!”, simplesmente. Ele era parco em apreciações elogiosas: *Noémie P., francês 19/20, Obrigado*. Era justo: a escola da República deve muito a Noémie. Assim como ela deve a meu jovem primo Pierre, que nos veio anunciar sua menção muito bem no *bac* antes de voltar a afrontar, num veleiro, o oceano particularmente raivoso daqueles

primeiros dias de julho de 2007: “Sensações um pouco mais fortes do que os exames...” parece nos dizer o seu belo riso.

Sim, eu sempre gostei dos bons alunos.

E os lamentei, também. Porque eles têm os seus próprios tormentos: nunca decepcionar a expectativa dos adultos, irritar-se por estar no segundo lugar quando aquele cretino do fulano monopoliza o primeiro, adivinhar os limites do professor na aproximação de suas aulas e então se aborrecer um pouco em classe, se submeter à zombaria ou às invejas dos nulos, ser acusado de pactuar com a autoridade, a que se somam, como para os outros, os embaraços comuns do crescimento.

Retrato de um aluno papa-fina: Philippe, na sexta, no ano de 1975, um filiforme Philippe de onze anos, com orelhas perpendiculares, dotado de um enorme aparelho dentário que o fazia zumbir como uma abelha. Eu pergunto se ele assimilou bem essa noção de linguagem própria e linguagem figurada de que havíamos falado na véspera.

– Linguagem própria e linguagem figurada? Perfeitamente, professor. Tenho até muitos exemplos a lhe apresentar.

– Por favor, Philippe, estamos escutando.

– Bom, então vai, ontem à noite havia convidados lá em casa. Minha mãe me apresentou em linguagem figurada. Ela disse: “É Philippe, meu pequenino caçula.” Sou o último, é verdade por enquanto, eu sou o caçula, mas nem um pouco pequenino, sou até grande para minha idade! “Ele tem um apetite de pazarinho.” É bobagem, parece que os pazarinhos comem uma vez o peso deles por dia, e eu não como quase nada. E ela disse também que eu estou sempre na lua, quando eu estava na mesa com eles, todo mundo podia testemunhar. E comigo ela só falou em linguagem própria: “Fique calado, limpe a boca e não ponha os cotovelos na mesa, diga boa-noite e vá dormir...”

Philippe tirou a conclusão de que a linguagem figurada é a das donas de casa e a linguagem própria é a das mães de família.

– E dos professores também – esclareceu –, tanto dos professores como dos alunos deles!

Não sei o que veio a ser o meu zozotante Philippe, arquétipo do aluno papa-fina. Como ele passa sua vida? Como professor? Eu gostaria. Ou melhor, mestre, no Normal Superior, ou num instituto de formação de professores em contato com a realidade dos seus alunos, tais como eles são. Mas ele talvez tenha perdido seus dons pedagógicos. Talvez tenha sido julgado inventivo demais para ensinar, talvez tenha adormecido, talvez tenha voado...

Então, o aluno como ele é, está tudo aqui.

“Preste atenção, me preveniram os amigos quando comecei a redação deste livro, os alunos mudaram enormemente desde a sua infância, e mesmo depois desses doze anos em que você parou de ensinar! Eles já não são os mesmos, você sabe!”

Sim e não.

São crianças e adolescentes da mesma idade que eu no fim dos anos 1950, esse já é um ponto de reconhecimento. Eles acordam sempre cedo, os horários e as mochilas deles são sempre pesados, e os professores, bons ou ruins, continuam a ser os pratos preferidos no cardápio das conversas deles, três outros pontos comuns.

Ah! uma diferença: eles são mais numerosos do que na minha infância, quando os estudos se concluía para muitos com o certificado de mesmo nome. E eles são de todas as cores, pelo menos no meu bairro, onde vivem os imigrados que construíram a Paris contemporânea. O número e a cor fazem notáveis diferenças, é verdade, mas que cessam quando se sai do XX distrito, sobretudo as diferenças de cor. São cada vez menos numerosos os alunos de cor, à medida que se vai descendo de nossas colinas para o centro de Paris. Já quase nenhum nos liceus que ladeiam o Panteão. Muito poucos alunos *blackoubeurs* nos nossos centros de cidades – a proporção caridosa, digamos – e estamos chegando à escola branca dos anos 1960.

Não, a diferença fundamental entre os alunos de hoje e os de ontem é outra: *eles já não usam os velhos suéteres de seus irmãos mais velhos*. Aí está a verdadeira diferença! Minha mãe tricotava um suéter para Bernard que, crescendo, me passava. A mesma coisa para Doumé e Jean-Louis, nossos mais velhos. Os “tricôs” de nossa mãe constituíam a inevitável surpresa de Natal. Não havia marca nem

etiqueta no *suéter Mamãe*; e, assim, a maior parte das crianças da minha geração usava suéteres Mamãe.

Hoje não. É a vovó Marketing quem veste grandes e pequenos. Ela veste, alimenta, dá de beber, calça, penteia, equipa cada um, é ela quem o cobre de eletrônica, que o monta em patins, bicicleta, *scooter*, moto, patinete, é ela quem o distrai, informa, antena, o coloca em permanente transfusão musical, e o dispersa pelos quatro cantos do universo consumível, é ela quem o adormece, acorda, e, quando ele se senta na sala de aula, é ela que vibra no fundo do seu bolso para garantir: estou aqui, não tenha medo, estou aqui no seu celular, você não é refém do gueto escolar!

Um menino morreu nos anos 1970. Vamos chamá-lo de menino Jules, o mesmo nome de Jules Ferry, ministro da Instrução Pública entre 1878 e 1883. Nós fazemos como se o menino Jules fosse imortal e datasse de toda a eternidade, mas ele foi concebido há menos de um século, e me dou conta com estupor de que ele terá vivido menos tempo do que minha velha mãe. Imaginado por Rousseau por volta de 1760 sob a forma de um protótipo mental de nome Emilio, foi posto no mundo um século depois por Victor Hugo, que se dava o dever de arrancar as crianças do trabalho, onde os acorrentava o nascente mundo industrial: “O direito da criança é o de ser um homem”, escrevia Hugo em *Choses vues*, “o que faz o homem é a luz; o que faz a luz é a instrução. Então, o direito da criança é o da instrução gratuita, obrigatória.” No fim dos anos 1870, a República fez essa criança se sentar nos bancos da escola laica, gratuita e obrigatória para que fossem satisfeitas suas necessidades fundamentais: ler, escrever, contar, raciocinar, constituir-se cidadão consciente de sua identidade individual e nacional. O menino Jules tinha duas funções: era aluno na sala de aula, filho ou filha na sua família. A família era encarregada de sua educação; a escola, de sua instrução. Esses dois mundos eram praticamente impermeáveis, e o universo do menino Jules o era também: ele assistia sem a menor documentação às assustadoras germinações da adolescência, ele se perdia em conjecturas sobre as particularidades do outro sexo, imaginava muito e corrigia com os meios disponíveis; quanto às suas brincadeiras, a maior parte advinha da sua única faculdade de imaginá-las. Salvo casos excepcionais, o menino Jules não participava das preocupações afetivas, econômicas ou profissionais dos adultos. Não era o empregado da sociedade nem o confidente da família, nem o interlocutor

de seus professores. Fica entendido que, como todos os universos, esta sociedade tão espartilhada só era simples na aparência; o sentimento era ali filtrado por interstícios para lhe conferir sua humana complexidade. Sucede que os direitos da criança se limitaram ao da instrução, e seus deveres, ao de ser um bom filho, um bom aluno e, em último caso, um bom morto: em um exército de seis milhões de meninos Jules, 1.350.000 foram massacrados entre 1914 e 1918, e a maior parte dos outros não voltou inteira.

O menino Jules viveu cem anos.

1875-1975.

No atacado.

Arrancado da sociedade industrial durante o último quarto do século XIX, ele foi entregue cem anos depois à sociedade mercantil, que fez dele uma criança cliente.

Existem cinco tipos de criança no nosso planeta hoje: a nossa criança cliente, a criança produtora sob outros céus, mais além a criança soldado, a criança prostituída, e, nos painéis encurvados do metrô, a criança que está morrendo e cuja imagem, periodicamente, debruça sobre a nossa lassidão o olhar da fome e do abandono.

São crianças as cinco.

Manipuladas, as cinco.

Entre as crianças clientes, há as que dispõem dos meios de seus pais e as que não dispõem; as que compram e as que se viram. Nos dois casos, sendo raramente o dinheiro produto de um trabalho pessoal, o jovem comprador tem acesso à propriedade sem contrapartida. É assim a criança cliente: uma criança que, em certa quantidade de terrenos de consumo *idêntica à de seus pais ou de seus professores* (roupa, alimentação, telefonia, música, eletrônica, locomoção, lazer), tem acesso, sem contribuir em nada, à propriedade privada. Fazendo assim, ela tem o mesmo papel econômico que os adultos que têm o encargo da sua educação e sua instrução. Ela constitui, como eles, uma parte enorme do mercado, faz, como eles, circular divisas (o fato de que não sejam suas não entra na conta), seus desejos, tanto quanto os de seus pais, devem ser solicitados e renovados permanentemente, para que a máquina continue a funcionar. Desse ponto de vista, ela é um personagem considerável: cliente total. Como os grandes.

Consumidor autônomo.

Desde os seus primeiros desejos de criança.

Cuja satisfação é considerada como medida do amor que lhe é dado.

Os adultos, mesmo que se defendam, não podem fazer muita coisa; assim vai a sociedade mercantil: amar o filho (esta criança tão *desejada* entre nós, que seu nascimento crava nos pais uma dívida de amor sem fundo) é amar seus desejos, os quais logo se exprimem como necessidades vitais: necessidade de amor ou desejo de objetos, como se tudo fosse o mesmo, porque as provas desse amor passam pela compra desses objetos.

Desejo de criança...

Olhe só, eis outra diferença entre a criança de hoje e aquela que fui: Terei sido eu uma criança desejada?

Amado, sim, à maneira de minha época distante, mas desejado?

Que cara faria minha velha mãe, cujos 101 anos acabamos de festejar (decididamente, estou escrevendo este livro muito devagar), se eu lhe perguntasse, de passagem:

– A propósito, mãezinha, você me desejou?

– ...

– É, você me entendeu bem: Eu fui uma criança expressamente querida por você, por papai, por vocês dois?

Vejo o olhar dela pousar sobre mim. Entendo o longo silêncio que se seguiria. E, questão por questão:

– Diga-me: Você está se saindo bem na vida?

Se eu escavasse um pouco mais, obteria no máximo algumas indicações de fatos:

– Foi na guerra, seu pai estava de licença, depois ele nos deixou em Casablanca, a mim e seus três irmãos, para ir desembarcar com o sétimo exército americano na Provença. Foi em Casablanca que você nasceu.

Ou ainda, como boa mãe do Sul:

– Eu tinha um pouco de medo de que você fosse uma menina, sempre preferi os meninos.

Mas saber se fui desejado, não. Havia um adjetivo para qualificar essas questões, naquela época e na minha família: *impertinentes*.

Bem, voltemos à criança cliente.

E vamos colocar as coisas no seu devido lugar: descrevendo-a, não estou procurando apresentá-la como um sibarita desprezível e sem cabeça, tampouco prego o retorno ao suéter Mamãe, aos brinquedos de lata, às meias cerzidas, aos silêncios familiares, ao método Ogino\* e a tudo o que faz a juventude de hoje imaginar a nossa como um filme em preto e branco. Não, eu me pergunto somente que tipo de lerdo eu teria sido se o acaso me tivesse feito nascer, digamos,

---

\* Método anticoncepcional (criado pelo médico japonês Ogino) que utiliza o calendário de ovulação. (N. da T.)

há uns quinze anos. Nenhuma dúvida nisso: eu teria sido um lerdo consumidor. Na falta de precocidade intelectual, eu me teria voltado para essa maturidade comercial que confere aos desejos dos adolescentes a mesma legitimidade que aos de seus pais. Eu teria feito uma questão de princípio. Escuto-me daqui: Vocês têm o seu computador, eu tenho o *direito* de ter o meu! Principalmente se vocês não quiserem que eu toque no de vocês! E me teriam cedido. Por amor. Amor devotado? Fácil de dizer. Cada época impõe sua linguagem ao amor familiar. A nossa prescreve a língua dos objetos. Não esqueça o diagnóstico da vovó Marketing: “Ele vale a sua identidade.” Como um bom número de crianças ou adolescentes que eu ouço um pouco em todas as partes, eu teria sabido convencer minha mãe de que minha conformidade com o grupo, e daí meu equilíbrio pessoal, dependeria dessa ou daquela compra:

– Mamãe, eu preciso dos últimos NNN!

Minha mãe teria querido fazer de mim um pária? Já não bastavam meus péssimos resultados escolares? Precisava acrescentar mais isso?

– Mamãe, eu juro, vou ficar igual a um panaca se não...! (Correção: “panaca” é um pouco datado), vou ficar *cafona*, e *assim não dá!* (No seu tempo, Michel Audiard teria falado de *cave* ou de *loquedu*. “Mãe, se você não me comprar esse pisante, vou pagar mico.”)

E minha amorosa mãe teria cedido.

Há uns quinze anos, eu teria sido o último de uma irmandade de quatro? Teriam *desejado* a mim? Teriam dado a mim meu visto de saída?

Questão de orçamento, como o restante.

Um dos elementos do “isso” para o qual o jovem professor de hoje não está preparado é o cara a cara com uma classe de crianças clientes. É certo que ele foi uma delas e seus próprios filhos o são, mas nessa classe ele é o professor. E como professor ele não sente aquela dívida de amor que comove seu coração de pai. O aluno não é um filho desejado a ponto de derreter de gratidão os membros do corpo docente. Aqui se está na escola, no colégio, no liceu, não em família, não numa galeria comercial: não se realizam desejos superficiais com presentes, aqui se satisfazem necessidades fundamentais por obrigações. Necessidades de se instruir tão mais difíceis de realizar que é preciso, primeiro, despertá-las! Dura tarefa para o professor esse conflito entre os desejos e as necessidades! E dolorosa perspectiva para o jovem cliente ter de se preocupar com suas necessidades em detrimento de seus desejos: esvaziar a cabeça para formar o espírito, desligar-se para se conectar com o saber, trocar a pseudo-ubiquidade das máquinas pela universalidade dos conhecimentos, esquecer as bugigangas brilhosas para assimilar invisíveis abstrações. E ter de pagar por esses conhecimentos escolares, enquanto a satisfação dos desejos não obriga a nada! Porque, paradoxo do ensino gratuito herdado de Jules Ferry, a escola da República permanece hoje no último lugar da sociedade de mercado onde a criança deve *pagar com a sua presença*, dobrar-se ao toma lá dá cá: saber por estudo, conhecimentos por esforços, acesso à universalidade por uma plena presença escolar, eis o que a escola exige dela.

Se o bom aluno, seguro de sua aptidão para fazer a sua parte das coisas, se satisfaz com esta situação, por que o lerdo a aceitaria? Por que iria ele abandonar seu status de maturidade comercial por uma posição de aluno obediente, que ele acha infantilizante? Por que iria

ele pagar à escola, numa sociedade em que *ersatz* de conhecimento lhe são, da manhã à noite, propostos gratuitamente sob a forma de sensações e de troca? Por mais lerdo que ele seja em classe, não vai ele se sentir mestre do universo, fechado no seu quarto, diante da Internet? Cantando até a madrugada, não experimenta ele a sensação de se comunicar com a Terra inteira? Seu teclado não lhe promete acesso a todos os conhecimentos solicitados por suas vontades? Seus combates contra exércitos virtuais não lhe oferecem uma vida palpitante? Por que trocaria ele esta posição central por uma carteira de sala de aula? Por que suportaria ele os julgamentos reprovadores dos adultos debruçados sobre o seu boletim escolar quando, trancado no quarto, desvinculado dos seus e da escola, ele reina?

Sem dúvida alguma, se o lerdo que eu fui tivesse nascido há quinze anos e se sua mãe não tivesse cedido a suas mínimas vontades, ele teria pilhado o cofre familiar, mas para dar presentes a si mesmo, desta vez! Ele se teria dado um material de evasão de ponta, se teria deixado aspirar pela sua tela, se teria diluído nela para surfar no espaço-tempo, sem contrariedade nem limite, sem horário nem horizonte, ele se teria blogado sem fim e sem propósito com outros. Teria adorado esta época que, se não assegura nenhum futuro aos maus alunos, é pródiga em máquinas que lhes permitem abolir o presente! Ele teria sido a presa ideal de uma sociedade que consegue esta proeza: fabricar jovens obesos, desencarnando-os.

– **E**u, um jovem obeso desencarnado?  
(Oh! meu Deus, ele voltou...)

– Quem lhe dá o direito de falar em meu lugar?

Que droga, por que é que eu fui falar dele, desse lerdo que eu fui, dessa incurável lembrança de mim mesmo? Chego enfim às minhas últimas páginas, ele tinha me deixado em paz depois daquela conversa sobre Maximilien, e eis que eu o trago de volta à minha lembrança!

– Responda! O que é que autoriza você a pensar que, se eu tivesse nascido há quinze anos, seria esse lerdo hiperconsumista de que você fala?

Sem dúvida, é ele mesmo. Sempre exigindo explicações em lugar de fornecer resultados. Bom, vamos lá:

– E desde quando eu preciso da sua autorização para escrever o que quer que seja?

– Desde que você fica falando sobre os lerdos! Em matéria de lerdice, o *expert* sou eu, me parece!

É possível ser *expert* daquilo de que se padece? Os doentes devem necessariamente substituir os médicos e os maus alunos substituir os professores?

Inútil levá-lo para esse terreno, ele seria capaz de me fazer escrever páginas e páginas. Terminemos o mais rápido possível:

– Admitamos. Que tipo de lerdo seria você hoje em dia, então?

– Se isso acontecesse hoje, eu me sairia muito bem! Não existe só escola na vida, entende? Você nos chateia desde o começo com a escola, mas há outras soluções! Você tem um monte de amigos que se deram muito bem fora da escola. Tem que dizer isso também! Olhe Bertrand, Robert, Mike e Françoise: eles saltaram fora logo

cedo da escola e se deram muito bem. Eles levam uma vida boa, não? Então por que não eu? Eu seria um campeão da eletrônica hoje, pode crer!

– ...

– Não? Essa perspectiva o assusta, você não sabe nem abrir o menor computador! Você me quer absolutamente lerdo. E arrombador de cofres! É por causa das necessidades de demonstração? Bom, está bem, se eu tivesse nascido há quinze anos, seria um lerdo, o pior da sua classe, e você logo teria reclamado: “Não fui formado para isso, não fui formado para isso”, vai bem com você, não é?

– ...

– De qualquer modo, o que eu teria sido ou não não é a questão.

– Qual é a questão?

– A verdadeira natureza do “isso” para o qual os jovens professores declaram não ter sido formados é a única questão, e foi você mesmo quem a apresentou.

– Resposta?

– Velha como o mundo: os professores não estão preparados para a colisão entre o saber e a ignorância, é isso aí!

– Então, conte-me!

– Perfeitamente: essas histórias de perda de referências, de violência, de consumo, todo esse besteiro é a explicação do dia; amanhã vai ser outra coisa. Aliás, você mesmo disse: A verdadeira natureza do “isso” não é redutível à soma dos elementos que as constituem objetivamente.

– O que não nos esclarece sobre o que ela é.

– Já lhe disse: o choque do saber com a ignorância! Ele é muito violento. É essa a verdadeira natureza do “isso”. Você está me escutando?

– Estou, estou escutando.

Eu o escuto, e então ele se lança numa aula magna, sobre um estrado, e não se poderia ser mais seguro de si mesmo, de onde ele tira, se bem entendo, que a verdadeira natureza do “isso” residiria no eterno conflito entre o conhecimento tal como ele se concebe e a ignorância tal como ela vive: a incapacidade absoluta dos professores

de entender o estado de ignorância onde ficam se cozinhando os seus lerdos, porque foram eles mesmos bons alunos, pelo menos na matéria que ensinam! A grande desvantagem dos professores seria a incapacidade deles de se imaginar *não sabendo aquilo que eles sabem*. Quaisquer que sejam as dificuldades por que eles passaram para os adquirir, já que os seus conhecimentos são adquiridos, eles os percebem então como evidências (“Mas é *evidente*, claro!”) e não podem imaginar a sua absoluta estranheza por aqueles que, nesse domínio preciso, vivem em estado de ignorância.

– Você, por exemplo, que levou um ano para aprender a letra *a*, você pode se imaginar, hoje, não sabendo ler nem escrever? Não! Não mais do que um professor de matemática não pode se imaginar ignorando que 2 mais 2 são 4! E houve um tempo em que você não sabia ler! Você patinava no alfabeto. Você era lamentável. Djibuti, lembra? Posso agora lembrá-lo da época, não muito distante, em que você achava que Alice, sua filha, hoje mais leitora do que você, tinha má vontade de ler os primeiros textos que a escola punha sob seus olhos de criança? Imbecil! Pai indigno! Você tinha esquecido que aquela dificuldade tinha sido sua! E que você era infinitamente mais lento do que sua filha naquela área! Mas eis que, tornado adulto e *sabido*, você se mostrava impaciente com uma menininha no campo da aprendizagem! O seu saber de professor e a sua preocupação de pai o haviam feito simplesmente perder o senso da ignorância!

Eu escuto e escuto. Lançado em alta velocidade, sei que nada poderia fazê-lo parar.

– Vocês, os professores, são todos iguais! O que faz falta a vocês é curso de ignorância! Fazem vocês passar por toda espécie de exames e de concursos sobre os seus conhecimentos adquiridos, quando a primeira qualidade de vocês deveria ser a aptidão para captar *o estado daquele que ignora tudo o que vocês sabem*! Sonho com uma prova do Capes ou de agregação em que se pedisse ao candidato que se lembrasse de um fracasso escolar, uma queda brusca em matemática, por exemplo, na primeira ou na segunda série colegial, e procurasse entender o que lhe aconteceu naquele ano!

– Eles acusariam seus professores de então.

– Insuficiente! A falta do professor, sei bem, eu a pratiquei. Seria preciso exigir do candidato que ele fosse mais fundo, que ele procurasse realmente o porquê de se ter desconectado naquele ano. Que ele procurasse em si mesmo, em torno dele, na sua cabeça, no seu coração, no seu corpo, nos seus neurônios, nos seus hormônios, que procurasse em geral. E que se lembrasse também de como saiu! Que meios utilizou! Os famosos recursos! Onde se escondiam os seus recursos? Com que se pareciam? Eu iria mais longe, seria preciso perguntar aos aprendizes de professor as razões por que se consagraram a tal matéria mais do que a outra. Por que ensinar inglês e não matemática ou história? Por preferência? Então, que eles fossem escavar do lado das matérias que não preferiam! Que se lembrassem de suas fraquezas em física, de sua nulidade em filosofia, de suas falsas desculpas em ginástica! Enfim, é preciso que aqueles que pretendem ensinar tenham uma visão clara da sua própria escolaridade. Que eles *sintam* um pouco o estado da ignorância se querem ter alguma possibilidade de nos fazer dar certo!

– Se entendo bem, você sugere que se recrutem professores mais entre os maus alunos do que entre os melhores?

– Por que não? Se eles se saíram bem e se lembram dos alunos que foram, por que não? Afinal de contas, você me deve muito!

– ...

– Não?

– ...

– Não? Pois eu acho que, em matéria de ensino, você me deve enormemente. Foi preciso você ter sido um antigo lerdo para se tornar professor, não é? Seja honesto. Se você tivesse brilhado na sala de aula, teria feito outra coisa. De fato, você voltou para o lixão de Djibuti, disfarçado de professor, para salvar outros lerdos! E foi graças a mim que você conseguiu! Porque você sabia o que eu sentia. Isso era também um *saber*, você não acha?

(Se ele imagina que vou lhe dar esse gosto...)

– Eu penso, acima de tudo, que você nos aborrece com esse seu dever de empatia e que ele deixaria muitos professores nervosos!

Se pelo menos uma vez você não tivesse recebido ajuda, não teria dado certo, não é mesmo?

Então, ele se fecha num mau humor negro. Primeiro porque não entende a palavra “empatia”, e em seguida porque, uma vez explicada, ele a compreende bem demais.

– Nada de empatia! Que se dane a sua empatia! Essa empatia nos afundaria mais ainda! Ninguém está pedindo a vocês que se tomem por nós, o que se pede é que vocês salvem os garotos que não têm meios para pedir, você pode entender isso? O que se pede é que vocês acrescentem a todos os seus conhecimentos a intuição da ignorância, e que vão à caça do lerdo, esse é o seu trabalho! O mau aluno vai dar certo quando vocês tiverem ensinado a ele como dar certo! É tudo o que se pede a vocês!

– Quem é esse *se*?

– Eu!

– Ah, você... E o que é que você diria, especialista, desse estado de ignorância?

– Eu diria que ele não é o grande buraco negro que vocês imaginam. Pelo contrário. Um mercado das pulgas onde você encontra de tudo e não importa o quê, *menos* o desejo de aprender o que os professores ensinam. O mau aluno não se considera nunca ignorante. Eu não me achava ignorante, eu me achava babaca, é muito diferente! O lerdo se vê como indigno, ou como anormal, ou como revoltado, ou então ele se desliga, se considera sabedor de um monte de coisas que não são aquilo que vocês pretendem lhe ensinar, mas não se percebe como ignorante do que vocês sabem! Logo, ele já não quer o saber de vocês. E sente luto por si mesmo. Um luto doloroso, muitas vezes, mas, como dizer? Entreter essa dor o ocupa mais do que o desejo de curá-la, é difícil de entender, mas é assim! Sua ignorância, ele a toma como sendo a sua natureza profunda. Ele não é *um aluno de matemática*, é *um zero em matemática*, é assim. Como precisa de compensações, ele vai brilhar em outros setores. Arrombador de cofres, no meu caso. Quebrador de caras, um pouco. E, quando é apanhado pela polícia, quando a assistente social lhe pergunta por que não trabalha na escola, sabe o que ele responde?

– ...

– *A mesma coisa que o professor, exatamente: o “isso”, o “isso”!*  
A escola não é para mim, não sou feito para “isso”, é o que ele responde. E ele também, sem saber, fala do terrível choque entre a ignorância e o saber. É o mesmo “isso” dos professores. Os professores julgam que não foram preparados para encontrar em suas classes alunos que julgam que não foram feitos para estar ali. Dos dois lados, o mesmo “isso”!

– E como remediar o “isso”, se a empatia é desaconselhada?

Então, ele hesita muito.

Tenho de insistir:

– Ande, você, que sabe tudo sem nada ter aprendido, qual é o *meio* de ensinar sem estar preparado para isso? Existe um método?

– É o que não falta, só dá isso, métodos! Vocês passam o tempo a se refugiar nos métodos, enquanto, no fundo, sabem muito bem que o método não basta. Falta-lhe algo.

– O que é que lhe falta?

– Não posso dizer.

– Por quê?

– É um palavrão.

– Pior do que “empatia”?

– Sem comparação. Uma palavra que você não pode pronunciar numa escola, num liceu, numa faculdade, ou em nada que se assemelhe a isso.

– A saber?

– Não, verdade, não posso...

– Ande, vá!

– Não posso, estou lhe dizendo! Se você soltar esta palavra falando de instrução, vai ser linchado.

– ...

– ...

– ...

– O amor.

É verdade, entre nós pega mal falar de amor em matéria de ensino. Experimente, só para ver. O mesmo que falar de corda em casa de enforcado.

Vale mais recorrer à metáfora para descrever o tipo de amor que anima a professora G., Nicole H., os professores de quem falei ao longo destas páginas, a maior parte daqueles que me convidaram para as suas classes e todos os infatigáveis que não conheço.

Metáfora, então.

Uma metáfora alada, no caso.

Vercors, mais uma vez.

Manhã de setembro último.

Os primeiríssimos dias de setembro.

Dormi tarde sobre uma página qualquer deste livro. Acordei com pressa de continuar. Preparo-me para pular da cama, mas uma sutil algazarra me para. Pia-se ao redor da casa. Numerosos piados, ao mesmo tempo intensos e contidos. Ah! sim, a partida das andorinhas! Todos os anos, por volta da mesma data, elas marcam encontro nos fios elétricos. Campos e beiras de estrada se cobrem de partituras. Prepara-se a migração. É o alarido dos reencontros. As que ainda voam em círculo no céu pedem autorização de alinhamento às que já estão pousadas em seus fios, fremindo do desejo de horizonte. Mexam-se, vamos lá! Chegamos, chegamos! Tudo voa e tudo é veloz. Vêm do Norte, em batalhões hitchcockianos, na direção Sul. Ora, esta é precisamente a orientação do nosso quarto: Norte, Sul. Uma lucarna ao Norte, uma janela dupla ao Sul. E cada ano é o mesmo drama: enganadas pela transparência dessas janelas alinhadas, muitas andorinhas quebram a cabeça contra a lucarna. Então, nada de escrever hoje de manhã. Abro a lucarna Norte e a janela dupla Sul,

volto a mergulhar na cama, e aqui estamos ocupados durante toda a manhã a ver as esquadrihas de andorinhas atravessar nosso quarto, de repente silenciosas, intimidadas talvez por esses dois deitados que as passam em revista. Sucede porém que, de um lado e do outro da janela dupla, dois estreitos vitrais ficam fechados. O espaço é vasto entre esses dois vitrais, dá para deixar passar todos os pássaros do céu. No entanto, não falha nunca, é preciso sempre que três ou quatro dessas idiotas se atirem direto nos vitrais! É a nossa proporção de lerdos. Nossas desviantes. Não se vai em linha reta. Não se segue o caminho direto. Fica-se de brincadeira pelas bordas. Resultado: vitral. Poc! Nocauteada no tapete. Então, um de nós dois se levanta, pega a andorinha derreada no fundo da mão – não pesam nada esses ossos cheios de vento –, espera que ela acorde e a manda ao encontro das colegas. A ressuscitada voa, ainda um pouco grogue, ziguezagueando no espaço reencontrado, depois pica direto para o Sul e desaparece no seu futuro.

Pronto, minha metáfora vale o que ela vale, mas é com isso que se parece o amor em matéria de ensino, quando nossos alunos voam como passarinhos loucos. É assim que a professora G. ou Nicole H. terão ocupado suas existências: a tirar do coma escolar um bando de andorinhas fraturadas. Não se consegue que tudo sempre dê certo, erra-se às vezes no traçado de uma rota, algumas não despertam, ficam sobre o tapete ou quebram o pescoço no próximo vidro; ficam na nossa consciência como aqueles buracos de remorso onde repousam as andorinhas mortas no fundo do nosso jardim, mas, em todo o caso, tenta-se, foi tentado. Eles são *nossos* alunos. As questões de simpatia ou de antipatia por um ou outro (questões, entretanto, muito reais!) não entram em conta. Malicioso seria quem pudesse falar do grau de nossos sentimentos em relação a eles. Não é desse amor que se trata. Uma andorinha caída é uma andorinha por reanimar, ponto final.

## Agradecimentos

Eles vão, como é frequente, para J.-B. Pontalis, Jean-Philippe Postel, Jacques Baynac, Jean Guerrin, Jean-Marie Laclavetine, Hugues Leclercq, para Pierre Gestède, para Philippe Ben Lahcen também, para Jean-Luc Géniteau, para Véronique Rischard, para Christine e François Morel, para Charlotte e Vincent Schneegans, para Jean-Michel Mariou, enfim, para todos aqueles que suportaram meu lerdo e a mim enquanto eu escrevia estas páginas.

## Sobre escolas

O ano escolar francês tem início, tradicionalmente, nos primeiros dias de setembro. As férias longas de verão são em julho e agosto. Existem ainda quatro férias curtas, de cerca de dez dias cada uma, ou seja: Todos os Santos, Natal, fim de fevereiro e Páscoa. Há três zonas geográficas para facilitar a distribuição dessas férias. Em todo o país a escolaridade é formada e avaliada por trimestres, daí algumas referências do autor ao temido terceiro trimestre. O sistema escolar francês, em termos de anos de escolaridade obrigatória, está bastante próximo do brasileiro. Assim:

### NA FRANÇA

- **Escola Maternal**, de 3 a 6 anos  
(em 3 seções)
- **Escola Primária**, de 6 a 11 anos
  - 1-CP (curso preparatório): 6 anos
  - 2-CE1 (curso elementar 1): 7 anos
  - 3-CE2 (curso elementar 2): 8 anos
  - 4-CM1 (curso médio 1): 9 anos
  - 5-CM2 (curso médio 2): 10 anos

- **Colégio**, de 11 a 15 anos
  - 6ème: 11 anos
  - 5ème: 12 anos
  - 4ème: 13 anos
  - 3ème: 14 anos (\*)

- **Liceu**, de 15 a 18 anos

Os alunos são orientados para cursos técnicos ou profissionais (liceu, colégio).

1. 2nde: 15 anos
2. 1ère: 16 anos com escolha entre
  - 3 seções: S-científica
  - ES-econômica
  - L-literária

3. Terminal: 17 anos

Exame do *baccalauréat (bac)* de acordo com a seção escolhida. Dá acesso aos cursos universitários sem vestibular.

### NO BRASIL

**Educação Infantil**  
(maternal e jardim)  
**Ensino Fundamental**  
CA 1ª série

2ª série

3ª série

4ª série

5ª série

**Ensino Fundamental**

6ª série

7ª série

8ª série

9ª série

**Ensino Médio**

1ª série

2ª série

3ª série

---

(\*) Ao fim dessa série, há um primeiro certificado, antigamente denominado BEPC.

## O autor

DANIEL PENNAC nasceu em Casablanca, Marrocos, em 1944. É professor de língua francesa, em Paris, e um apaixonado pela pedagogia. Seu grande sucesso na literatura chegou com a série de romances sobre o personagem Benjamin Malaussène e sua família – *O paraíso dos ogros*, *A pequena vendedora de prosa*, *Senhor Malaussène* e *Frutos da paixão*. Outros títulos do autor também lançados no Brasil pela Rocco são *Como um romance*, *Esses senhores, os meninos*, *O ditador e a rede*.